

# DISPOSITIVOS PARA ACESSAR IMAGENS DA ESCOLA DE BELAS ARTES E DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Daniele Machado

Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense, Brasil  
machadodani08@gmail.com

## RESUMO

A história não é um vazio a que se pode preencher a partir da empatia pelos vencedores que se justificam entre si geração após geração. Às margens da história universal e oficial, seguem fragmentos, vestígios que sobrevivem. Esse artigo pretende revirar a trajetória da Escola de Belas Artes (EBA) e da Cidade do Rio de Janeiro (Rio) através de alguns dispositivos. As duas trajetórias, de tão entremeadas, possuem personagens que se confundem por elas e atravessam os anos sobrevivendo, sendo deslocadas, ressignificadas e apropriadas por outros e novos grupos. Tais disputas ocorrem, especialmente, através de imagens e de dispositivos que as operam. É o que se pretende desenvolver neste artigo. A EBA hoje pertence a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e completou, no ano passado, duzentos anos de história. Este ano de 2016 se encerrou com um trágico e violento incêndio que inviabilizou o uso das instalações as quais a Escola se hospedava há algumas décadas. O encontro da EBA com o Rio se cruza através das imagens que serão analisadas nesse texto. Uma forma diferente de acessar a já conhecida história da chegada da Família Real Portuguesa a capital da sua principal colônia em 1808, a posterior Missão Artística Francesa em 1816 e os entraves da irresistível modernidade nestas terras latino-americanas.

Palavras-chave: incêndios, modernidades latino-americanas, escola de belas artes, rio de janeiro

## 1. INTRODUÇÃO

O incêndio do dia três de outubro de dois mil e dezesseis despertou consigo fragmentos esquecidos do passado.<sup>1</sup> Destes, dois moveram esta investigação. O primeiro é: como poderia a Escola de Belas Artes ter sofrido em chamas, sem que o seu prédio sofresse o mesmo, pois ele não existe? E o segundo: o fogo aconteceu no ano iniciado com as comemorações dos duzentos anos da escola, marcados por terem começado com a “missão artística francesa”. Os caminhos cursados pela escola ao longo dos dois séculos acompanham de perto a saga que esse país tem percorrido e, em certa medida, se correspondem em verossimilhança.

Este artigo está organizado em três partes além da introdução e da conclusão. Na primeira são apresentadas as estruturas e/ou projeto de estruturas já utilizadas e/ou intencionadas pela EBA. Na segunda estão as imagens geradas por este trabalho, a partir destas estruturas, que conecta os edifícios ocupados pela escola a cidade. E por fim, seguem os dispositivos sugeridos para acessar as imagens disponibilizadas que adiciona às já apresentadas, questões entre a modernidade, a construção escravocrata da cidade, a conexão entre incêndios e a atualidade.

## 2. PROJETOS E PRÉDIOS

Nesta parte serão apresentados os projetos e prédios que a Escola de Belas Artes já ocupou através de textos, projetos e imagens. A região em torno da praça Tiradentes é o polo cultural mais antigo da cidade, ativado no início dos 1800 para receber e entreter a corte real portuguesa. Lá está localizado o Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (CMAHO) e, na parte de trás do quarteirão ocupado pelo CMAHO<sup>2</sup>, está o terreno onde se localizava o primeiro prédio da Escola de Belas Artes. Hoje lá funciona apenas um estacionamento privado de carros. Pode-se dizer que este é o primeiro de cinco (ou seis) prédios (e/ou projetos de prédios) que já passaram pela trajetória da EBA:

**1. Av. Passos, Centro.** Inaugurado em 1826 em estilo neoclássico, desenhado pelo arquiteto da missão artística francesa Grandjean de Montigny, foi construído para abrigar a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, e inaugurou como Academia Imperial de Belas Artes com o Brasil já como império independente de Portugal. Foi demolido em 1938 e nada foi construído desde então no terreiro que hoje funciona como estacionamento de carros.

**2. Av. Rio Branco, Centro.** Hoje Museu Nacional de Belas Artes (MNBA). Construído em 1908 para abrigar a Escola Nacional de Belas Artes após a inauguração da Av. Rio Branco<sup>3</sup>. Foi desalojada para o porão do edifício quando o museu passou a funcio-

1. O incêndio atingiu o oitavo andar do edifício Jorge Moreira Machado localizado na Ilha do Fundão. No edifício da Universidade Federal do Rio de Janeiro funcionavam a reitoria e as pró-reitorias, a Escola de Belas Artes e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

2. O prédio do CMAHO também tinha certo protagonismo, pois abrigava o Conservatório de Música – atual Escola de Música também da UFRJ – e recebeu temporariamente o Conservatório Dramático Brasileiro

3. A Centro da cidade do Rio de Janeiro passou por uma intensa reforma no início do século XX sob a gestão do prefeito Pereira Passos, na qual é criada a Av. Rio Branco. Com o pretexto da modernização, despovoou-se o Centro da cidade, ao qual era atribuído a disseminação de doenças infectocontagiosas. Este

nar. O MNBA passou a ocupar todos os “cômodos” após a escola ter sido compulsoriamente despejada na ilha do Fundão em um de tantos projetos arbitrários ditatoriais<sup>4</sup> que pretendiam enfraquecer o Centro da cidade dos “intelectuais”.

**3. Edifício Jorge Machado Moreira<sup>5</sup>, Ilha do Fundão.** Hoje incendiado, funcionam apenas alguns andares. Atualmente conhecido como a reitoria da UFRJ, foi construído para sediar a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo no início dos anos 1950. Esta foi abrigar também a reitoria, e depois, também a EBA. O puxadinho, do puxadinho, do puxadinho... Com direito a aulas em contêineres, biblioteca com goteiras, salas inabitáveis devido a falta de estrutura. Hoje, após o incêndio, alguns poucos andares funcionam, entre laudos e episódios que não dão muita certeza sobre estes poderem estar ocupados<sup>6</sup>... O sétimo ainda recebe algumas pessoas da equipe do Museu Dom João VI, cujo acervo ainda está lá localizado. Apenas o oitavo andar foi atingido pelo fogo e, os outros, pela água do rescaldo que foi o maior estrago.

**4. Projeto a ser concretizado para prédio da EBA, Ilha do Fundão, anexo a reitoria.** As obras iniciadas em 2010 tinham sua previsão de inauguração para 2011. A Construtora Lytorânea Ltda. ganhou a licitação e era responsável por realizar os projetos executivos. Meses após foram detectadas falhas no projeto de construção e as obras estão paradas desde então, sem data para retomada das obras e muito menos para a inauguração.<sup>7</sup>

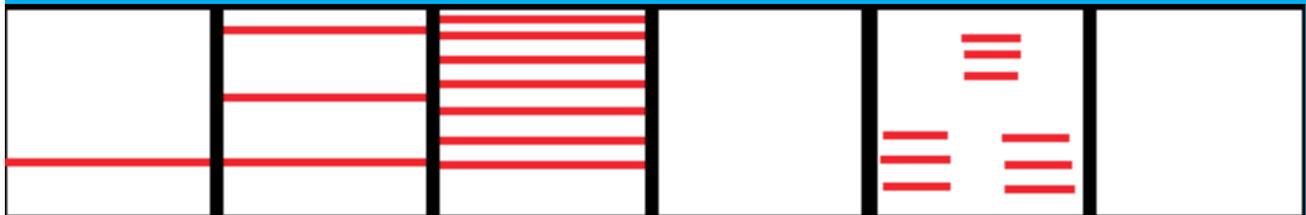
**5. Diversas salas espalhadas por prédios de Letras, do Centro de Tecnologia e da Reitoria, Ilha do Fundão.** Após o incêndio a EBA tem funcionado em salas cedidas nos prédios de Letras e do Centro de Tecnologia, além dos quatro andares “autorizados” para uso no Edifício Jorge Machado Moreira.

**6. Projeto sugerido no Cais do Porto, Saúde.** Um grupo de professores formou uma comissão, voluntariamente, para identificar na cidade um prédio que pudesse passar a abrigar a escola por completo e dentro das opções averiguadas como disponíveis, optou-se por um dos barracões localizados no cais do porto no bairro da Saúde.<sup>8</sup>

### 3. IMAGENS

Metodologicamente, utilizo Villém Flusser para produzir as imagens abaixo. Em seu livro *Universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade* ele descreve os tipos de imagens técnicas a partir das suas dimensões. Para Flusser, a imagem é a fixação de uma cena qualquer disponível. Quando um corpo está em movimento, objetos se aproximam e se afastam. Ao parar um objeto com as mãos, percebe-se que é possível intervir nas cenas e, inclusive, fixá-las. A partir disso, disponho abaixo dois grupos de imagens que produzi a partir dessa proposta metodológica de Flusser. Compreendi as cenas ocupadas pelos prédios e projetos atribuídos a EBA e selecionei como estão dispostas as suas verticalidades neste primeiro grupo de imagens:

Imagem 1



A ordem dos quadros é respectiva a ordem de construções/projetos colocados acima. No primeiro há apenas o muro que ocupa todo perímetro do quarteirão. No segundo há os três andares do edifício neoclássico ocupado hoje pelo Museu Nacional de Belas Artes. No terceiro há os oito andares do clássico modernista Jorge Machado Moreira, na Ilha do Fundão. No quarto está o edifício do futuro, a ser construído em anexo ao terceiro. No quinto está a ocupação dispersa da escola após o incêndio

---

prédio foi desenhado pelo arquiteto Adolfo Morales de Los Rios.

4. Em 1º de abril de 1964 o abriu sofreu um golpe civil-militar, cuja existência durou 25 anos.

5. O prédio recebeu o nome do arquiteto que projetou este e toda a cidade universitária da Ilha do Fundão. Foi planejado para receber a Escola de Arquitetura, e destaca-se pela arquitetura moderna ao qual Jorge Machado Moreira estava vinculado vide sua participação no desenvolvimento de outro edifício de protagonismo nesta, que é o Palácio Capanema ou o antigo Ministério da Educação e Cultura do país. O projeto de Machado Moreira foi premiado na IV Bienal de São Paulo (1957).

6. Há poucos dias a turma de História da Arte no Brasil II, com o prof. Marcus Tadeu, estava em prova e a sala foi evacuada devido a fortes tremores no chão que atingiram a sala localizada no Pamplonão.

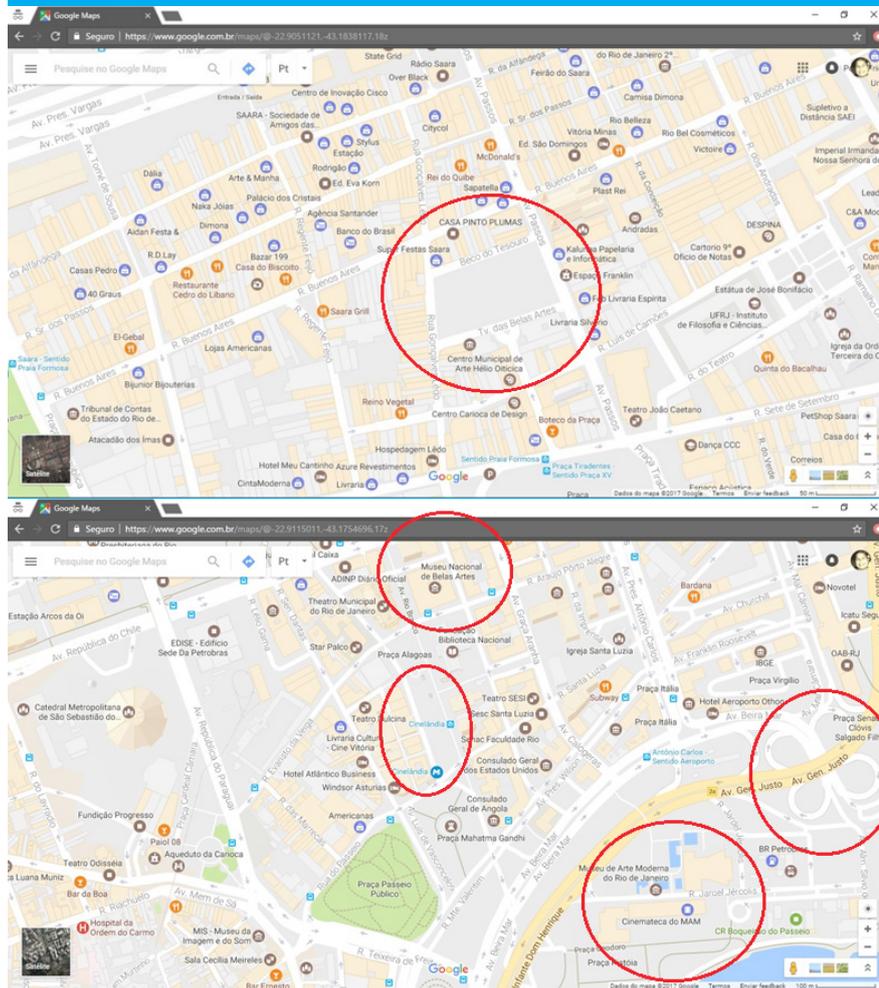
7. No dia 24 de novembro de 2014 alunos do curso de História da Arte e a professora Aline Couri, realizaram um happening, que contou com a participação de outros professores, e trouxe para a discussão da cidade a não retomada das obras, em que inauguraram o prédio fantasma e tornaram ele acessível através do recurso de realidade aumentada.

8. O projeto desenvolvido pelos professores Aline Couri, Ana Canti, Anael Alves, Angela Leite Lopes, Carlos Azambuja, Graça Lima, Henrique da Costa Souza, Kenny Neoob, Marcus Dohmann, Marcus Lopes, Patrícia March, Robério Dias e Verônica Damasceno está disponível no link: <https://sway.com/vWhSDiBwit-ZW0aPm>.

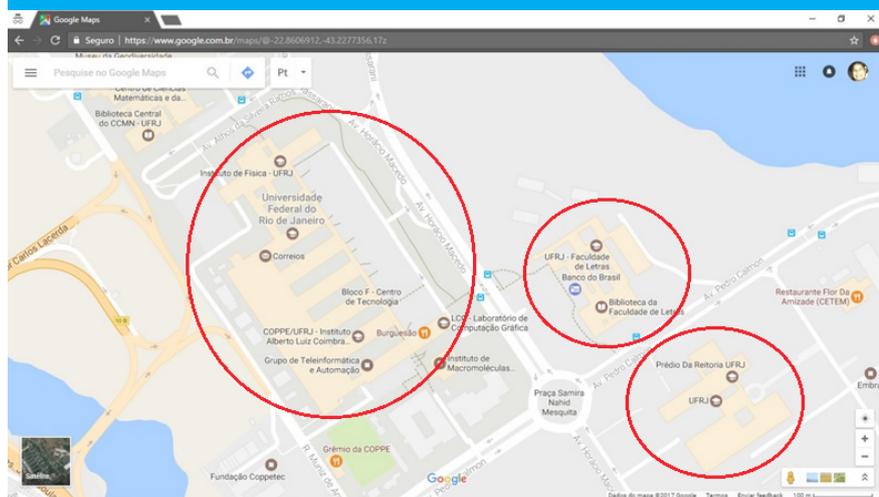
pelos prédios que lhe acolheram, além dos andares em uso na Reitoria. Por fim, outro projeto para um prédio futuro da escola, que dessa vez sai da Ilha do Fundão e vai para o bairro da Gamboa na região central da cidade, em um dos armazéns do Cais do Porto, próximo do Cais do Valongo.<sup>9</sup>

Cabe ainda suas aparições no serviço de mapas do Google:

### Imagens 2 e 3



### Imagem 4



9. Região utilizada durante o período colonial brasileiro como porto e mercado de escravos. Após restauração, foi indicada e reconhecida pela UNESCO como patrimônio mundial em 2017.

Estes mapas são interessantes pois permitem acessar estes edifícios – que existem, existiram ou ainda existirão – com uma vista aérea e, ainda, integrados a região em que ocupam. Uma abstração que integra de uma forma diferente a disponibilizada com as verticalidades anteriores.

#### 4. DISPOSITIVOS

Os 202 anos da EBA coincidem com a trajetória desse território chamado Brasil, submetido progressivamente desde então por uma História avassaladora ou uma modernidade inescapável. Esta última Lília Schwarcz identificou deflagrada no início da República

“O cenário que então se abriu era propício a todo tipo de utopia e projeção. A República surgiu alardeando promessas de igualdade e de cidadania – uma modernidade que se impunha menos como opção e mais como etapa obrigatória e incontornável.” (SCHWARCZ, 2012: 19)

E Jacques Rancière percebe ainda dois séculos depois, o que classifica como *trama inescapável da história* (RANCIÈRE, 2014, p. 129). Uma modernidade forjada, experimentada de forma ambígua, seja como colônia da metrópole portuguesa, seja através de uma cidade “adaptada” para estar a altura de receber o seu rei e, posteriormente, seus imperadores. Sugiro um recorte no olhar sobre os eventos que determinaram os rumos percorridos pela escola, que, como disse acima, correspondem com certa verossimilhança com os do país. Destes quais o incêndio foi o último dos dispositivos<sup>10</sup>. Dos seis prédios/projetos realizados/ utilizados para a EBA, o primeiro foi construído para este fim e não existe mais. O segundo foi construído para este fim, mas foi tomado por outra instituição, e por fim de lá foi expulsa. O terceiro não foi construído para este fim, lhe foi emprestado temporariamente, acabou ficando por décadas e de lá foi expulsa, junto com todos, pelo fogo. O prédio ainda existe. O que não se pode dizer do quarto, que é apenas um projeto, que seria construído para este fim, mas não se sabe se realmente será e, se sim, quando. Por fim a EBA segue sem rumo, abrigada em outros prédios. E existe ainda um último projeto de ocupação de um armazém do Cais do Porto. Desaparecimento – Esquecimento – Promessa – Incêndio. Elias Thomé Saliba inicia o texto *Cultura / As apostas na República* (2012) com uma citação de Olavo Bilac na Gazeta de Notícias de 9 de abril de 1903, que é um importante vestígio para a elaboração da reflexão aqui realizada “O nosso mal tem sido este: quisemos ter estátuas, academias, ciência e arte, antes de ter cidades, esgotos, higiene, conforto”.

Para fazer as correspondências necessárias para que a presente proposta aconteça, irei evidenciar os dispositivos que sobressaíam sobre o país nos momentos em que a escola sofria as principais alterações no curso da sua trajetória. O projeto inicial como Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios tinha sua motivação original em uma civilização da colônia, formando os seus próprios artistas através do modelo francês de ensino e prática de arte, consolidado através de um modelo de escola de belas artes.<sup>11</sup> Uma colônia tropical foi invadida por uma corte e um grupo de artistas e intelectuais, todos fugitivos<sup>12</sup>, tentando tornar a cidade um pouco mais palatável diante da barbárie desumana de escravidão que sustentava a metrópole portuguesa, bem retratado por Debret<sup>13</sup>, um dos primeiros professores da escola. Em vias de se tornar um império independente, sem o empenho de armas em guerra. Mais do que se instituir, se edificou prédios para instituir. Aqui encontra-se o dispositivo de edificação, em um sentido vertical.

Em 1890, logo após o golpe militar que instaurou o sistema republicano no país, a escola se torna Escola Nacional de Belas Artes. As edificações imperiais são ressignificadas. Um ótimo exemplo é a Praça Tiradentes, localizada a duas quadras do primeiro prédio da escola, que é considerado parte da região da praça. *Praça Tiradentes* foi o último nome que a praça recebeu, dado pela república, em cujo centro há um monumento<sup>14</sup> em que D. Pedro I cavalga em um cavalo segurando a primeira constituição do país. O nome da praça carrega o “mártir” que enfrentou a administração da colonização portuguesa e, em cada uma das quatro pontas da praça retangular foram adicionadas musas em alegorias que representam os valores republicanos: lealdade, justiça, liberdade e União. Valores reforçados para exaltação da república e esquecimento do império. Chamo este

10. O termo *dispositivo* aqui é tomado a partir de Giorgio Agamben em seu texto *O que é um dispositivo?* (2014)

11. A EBA foi criada em Brasil de mão-de-obra escrava legalizada. Da mesma missão artística francesa vieram as famosas gravuras de Debret – primo de Jacques Luis David, pintor oficial de Napoleão – que retratam cenas do cotidiano escravocrata da cidade. Foi criada para dar um ar “civilizado” para a cidade se adequar a vida de uma corte, que logo foi abandonada para se tornar um império. Entre as diversas fases que o país viveu, artistas se formaram na EBA e produziram dentro desses contextos, inclusive construindo o acervo imagético das cenas oficiais da nação – que é compreendido, é claro, como uma das funções do perfil de uma escola de belas artes. Os pintores Vitor Meirelles (1832 – 1903) e Pedro Américo (1843 – 1905) são exemplos. O primeiro realizou Primeira missa no Brasil (1861) e Batalha dos Guararapes (1879). O segundo produziu Libertação dos escravos (1889) – pintado no Palácio Bandeirantes em São Paulo – Batalha do Avaí (1877), O grito do Ipiranga (1888) e Tiradentes esquartejado (1893).

12. Muitas versões possíveis.

13. Jean Baptiste Debret também foi membro da Missão Artística Francesa e atuou como professor da Academia e também como diretor posteriormente. Em seu livro publicado em 1831 em seu retorno a Paris *Viagem Pitoresca e História ao Brasil* apresentou cenas que construiu a partir de sua vivência no Brasil, “chocante” pelas cenas cotidianas entre senhores e escravos.

14. Estátua equestre de D. Pedro I, encomendada por homenagem de seu filho D. Pedro II. Foi desenhada por João Maximiano Mafra e executada por Louis Rochet. Filho e neto de D. João VI, rei de Portugal, os dois foram os únicos imperadores do país, após a proclamação da independência, sem uso de armas, em 1822. Já Joaquim José da Silva Xavier, mais conhecido como Tiradentes, foi o líder da revolta contra o imposto do quinto ainda no período colonial em 1789.

dispositivo de troca pela apropriação, que será utilizado ao longo da história em outros contextos, nem tão distantes. Saliba aborda as falsas promessas da República e da inevitável modernidade:

“A instabilidade e a indefinição geradas pelos primeiros anos governos militares e a consolidação da República com os governos civis mostraram que a realidade do Brasil estava muito distante das projeções da sua vanguarda intelectual: o regime continuou republicano na forma, mas oligárquico no conteúdo, e a sociedade se tornou liberal no vestuário, mas profundamente conservadora na realidade.” (SALIBA, 2012: 241).

Bastando que se altere nomes, para determinar outra conotação e outro significado daquela “coisa” para a sociedade. Não é tão surreal assim essa proposta, se considerarmos que a maioria das pessoas mal percebem que há um homem em cima de um cavalo no meio da praça. Se percebem, não sabem quem é. Muitos especulam que seja Tiradentes. A praça Tiradentes talvez seja um excelente exemplo pra perceber o rearranjo dos atores na nova cena no mesmo cenário.

O início do século XX é marcado por muitas transformações na geografia da cidade. Especialmente no centro da capital, é possível verificar as reformas mais radicais. O início dessa terceira mudança está no deslocamento da escola da Av. Passos para a recém inaugurada Av. Rio Branco em 1904 como Av. Central. Seguida de severas realocações no Centro: diversos prédios vieram abaixo (inclusive o primeiro prédio da escola em 1938). Mas não somente prédios, vieram também morros e tudo que estava acima deles. A primeira camada de inscrições no terreno do Centro, realizada por oficiais militares e eclesiásticos e pessoas comuns, sobretudo escravizadas, no início da colonização, foi removida ao longo das sucessivas remoções e deslocamentos. E junto com as casas também se foram as pessoas. O Centro mudou radicalmente em relação a visualidade, hábitos e vivências a partir de então. Esqueceu-se muito também. Difícil fazer esquecer o que é visto e habitado. Claro que o discurso era o da modernização, mas em sua tangente havia os “benefícios”. Quando não há o que ser lembrado, edifica-se para o futuro. E também para quem interessa, para quem ficou e não foi removido pela cidade nova que estava em construção, sendo empurrado para as periferias. Este é o dispositivo da borracha, do apagamento, que dá uma “nova chance” para a cidade ser construída, como novos objetivos e personagens. Superando o passado desagradável. Aqui os dispositivos – esquecimento – por parte da escola, coincide com o – apagamento – sofrido pela escola.

Em 1937 a escola passa a funcionar no porão do prédio da Av. Rio Branco. A escola tem um valor secundário ao museu que demandava as salas de maior destaque do prédio. Não há problema em se localizarem no porão. O Museu Nacional de Belas Artes é criado dentro de uma nova leva de edificações institucionais no país, mas desta vez com ambições “continentais”. Constroem-se políticas considerando todo o território nacional, de forma que fossem padronizadas as relações trabalhistas, escolares, de saúde e segurança. É nesse momento em que as – hoje destruídas – mínimas leis que regiam o trabalho no país foram consolidadas, assim como a primeira versão do atual IPHAN<sup>15</sup>. Mas, é importante deixar aqui ressaltado que se tratava de um outro momento de “exceção” por aqui, o Estado Novo ou a ditadura de Getúlio Vargas. Portanto, a criação do MNBA era parte do plano de constituição de políticas nacionais, inclusive no âmbito da arte. Todos os países de respeito possuíam seus museus. Com o Brasil não deveria ser diferente. Um local que abrigasse o acervo de cenas que integravam a história brasileira.

Quando a escola é transferida do Centro para o prédio da FAU/Reitoria na Ilha do Fundão, o Brasil se encontrava em um “novo” período de “exceção”: a ditadura civil-militar de 1964. Desta vez, o dispositivo que, de certa forma, acumulava os já passados, não tratava apenas de uma troca por apropriação, ou um apagamento, mas também uma desarticulação de um “triângulo” de resistência contra os militares que funcionava naquela região. Em torno da praça Cinelândia estavam, além do MNBA, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e o restaurante estudantil Calabouço. A região era alvo de diversos protestos e manifestações contra o regime, e estes espaços funcionavam ora como organização, ora como fuga após a truculência. No dispositivo da remoção, a primeira ponta desfeita foi o restaurante estudantil. Realocado perto do Largo da Carioca, foi protagonista do primeiro assassinato assumido pela polícia na ditadura, o estudante Edson Luís de 17 anos. O restaurante deu lugar ao viaduto do Calabouço, construído junto as vias expressas do aterro do Flamengo, utilizada desde então para chegar de carro ao MAM-RJ. A escola foi a segunda ponta da desarticulação, e o MAM foi o último, através do incêndio do dia 8 de julho de 1978. O dispositivo da – desarticulação – aqui se soma ao dispositivo – promessa.

Desde então a EBA se tornou uma escola nômade, apenas com a promessa de local próprio, a qual não se realizou até hoje. Com o incêndio passa a funcionar “pulverizada”, em salas dispersas pelos prédios de Letras, do Centro de Tecnologia e, por fim, da própria Reitoria. Cujos alguns andares foram liberados, mesmo sem certeza total da segurança para que isso ocorresse.

EBA – 1) Desaparecimento 2) Esquecimento 3) Promessa 4) Incêndio  
Centro – 1) Edificação 2) Troca por apropriação 3) Apagamento 4) Desarticulação

Os dispositivos encontrados nas viradas das fases da EBA e do Centro da cidade do Rio de Janeiro giram em torno da inscrição na história e no tempo, através de uma manutenção da institucionalização que se faz através de construções ou destruições/desconstruções. É importante que se compreenda essas construções ou as destruições, não como realizadas e compreendidas de forma óbvia, mas nas entrelinhas. Ora se constrói o sentido especificamente – constrói-se para fazer visível a instituição –, ora se constrói o sentido de forma ampla, que englobe aquele anterior, fazendo com que seja esquecido, objetivamente ou não. O esquecimento substitui o sentido específico anterior, quando é embalado por sentido

15. Criado em 1937 como Serviço do Patrimônio Histórico e Nacional (SPHAN), a partir de reivindicações e debates de intelectuais como o então ministro da cultura Gustavo Capanema e o poeta Mário de Andrade. Getúlio Vargas governou o país por quase 20 anos, inicialmente de forma fascista, e nos últimos ano foi eleito. Seu governo fascista perseguiu e assassinou a esquerda do país, fazendo, inclusive, parceira com o nazismo de Hitler.

amplo. Por exemplo, o desmantelamento do “triângulo” crítico que estava em torno da praça da Cinelândia. O restaurante Calabouço teve de ser removido para dar lugar a um viaduto, fundamental para o funcionamento da via expressa do aterro, que se inaugurava. A EBA foi para a Ilha do Fundão, pois lá estarão no futuro todos os cursos da Universidade do Brasil. E o MAM, infelizmente sofreu um incêndio, sobre o qual não havia tempo para se refletir, estava-se ocupado em reconstruí-lo. Infelizmente, diante dessas ocasiões amplas, o “triângulo” foi desarticulado, mas não seria esse o objetivo, como poderia ter-se alegado, com absoluta compreensão geral.

Mas o incêndio, o último dos dispositivos, é também diferente de todos. Coincidência ou não, em uma mesma linha de relações, as chamas do MAM inauguram uma série de outras. O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro foi um pilar fundamental no desenvolvimento da obra de Hélio Oiticica, artista cujo o centro de arte citado no início do texto homenageia, e cujo acervo de lá foi retirado em agosto de 2009 para pegar fogo em seguida, na nova sede no bairro do Jardim Botânico, em outubro. Nos anos seguintes dois acervos particulares também ficaram em chamas: o de Niomar Moniz Sodré, figura protagonista no perfil que o MAM assume, e o de Jean Boghici, colecionador de arte que possuía seis dos trabalhos de Torres-García que estavam em cartaz na ocasião do “sinistro” do MAM. Essa sequência se encerra com o incêndio da EBA ano passado, onde, apesar do acervo de obras não ter sido atingido, o acervo humano, que faz com que exista e resista, foi absolutamente afetado.

É interessante pensar na emergência do fogo em tantos espaços institucionais e representativos dessa cidade. Cidade que foi capital do país por tanto tempo, cujas instituições mais representativas estiveram por tanto tempo aqui localizadas. Antes de pensar especialmente sobre o fogo, é necessário aqui pensar sobre, como diz a poeta, digamos, pós-surrealista Annie Le Brun em conferência realizada em 1989 em Bruxelas, intitulada *O sentimento da catástrofe: entre o real e o imaginário*, que identifica uma insistência do século XIX europeu em fazer referência a catástrofe “Mas pode-se também enxergar, na própria constância da referência à catástrofe, **as imagens que a época escolhe inconscientemente para si**, a fim de figurar a ameaça que ela presente sob as perspectivas reconfortantes de uma razão triunfante” (p. 43). Pode-se talvez dizer que a cidade do Rio de Janeiro está em fogo com recorrência nas últimas quatro décadas, sendo talvez a imagem do fogo emergente e, em seguida da água que soluciona e que consolida a destruição, que a época escolheu para si.

Por um lado, importa que aqui seja evocado, é que há certa beleza no fogo, alguma fascinação oriunda da sua imagem calorosa, violenta, que se impõe e alastra, devastando o que pode alcançar. Novamente um paralelo com o incêndio do MAM, não é coincidência a narrativa de um prédio moderno em chamas construído sobre um aterro. Tanto o prédio desenhado por Affonso Eduardo Reidy como o de Jorge Machado Moreira são prédios modernos construídos sobre aterros, respectivamente, o Aterro do Flamengo e a Ilha do Fundão. Institucionalmente a EBA e o MAM costumam-se e entremeiam-se como escolas, entre movimentos realizados por professores e alunos diversos, na cidade. A antiga capital protagonizou as circulações e articulações no que costuma-se chamar “modernidade brasileira” – suspeito que por faltar de um nome mais próprio, mas que ainda não sei dizer qual seria mais interessante e nem o porquê.

Esses incêndios merecem análise sob diversos olhares, desolhares, perspectivas e desperspectivas. Não poderão ser desenvolvidas a fundo aqui, mas cabe salientar, que assim como o incêndio do MAM, o incêndio da EBA não foi acidental, mas faz parte de um projeto. Não pretendo aqui dizer que o incêndio foi intencional, articulado por A ou B, mas, enquanto projeto, o incêndio faz parte de um projeto de precarização do ensino público, entre tantos outros projetos. Não é fácil o cenário que vivenciamos. De um lado a EBA incendiada e, mais uma vez, desalojada. A Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro e tantas outras universidades públicas com a falência declarada. E, por outro lado, empresários do ensino privado assediam a população, se autocolocando como únicas/últimas opções.

Essa conversa toda pode descambar para a seguinte conclusão: uma escola de belas artes hoje é traço da permanência da estrutura colonial. Porém a apropriação talvez seja também a chave para um contradispositivo. A subversão da estrutura quando, por exemplo, a EBA é “invadida” pelos estudantes cotistas e pelos novos cursos de história da arte e de conservação e restauração, criados pelo Reuni<sup>16</sup> em 2009 – políticas que foram encaradas por alguns como um peso, a partir da chegada de tanto alunos. Apesar disso tudo... entre tantas idas e vindas, construções e desconstruções, a EBA resiste e re-existe! Entre tantas insatisfações, desmobilizações e disputas, a escola está aí. Entre tantas tradições, se mantém como ponto de origem de muitos que contribuem com a produção artística contemporânea do país – quando as relações entre arte e academia foram reorganizadas, ela se manteve como possibilidade, alternativa de acolhimento de pesquisas dispersas.

## 5. CONCLUSÃO

Para encerrar, trago para contrapor aos dispositivos aqui apresentados, a ideia de encarnação que Marie José-Mondzain identifica no imaginário contemporâneo a partir de fontes bizantinas católicas que ela investiga. Sendo a imagem a disponibilização apenas de um recorte do espectro que a origina, este se faz presente e se torna possível através dos corpos que juntos se tornam apenas um corpo e o encarnam. O imaginário moderno francês é encarnado na colônia portuguesa com especificidades. Aqui não se tratava de uma metrópole europeia que se inspirava em Paris, mas de uma colônia da América do Sul que assim estava forjada para abrigar a sua corte. Mas não deixava de ser colônia. Se até então a corte não era obrigada a conviver com a exploração que sustentava os seus luxos, ela passou a ter que habitar junto com toda a miséria, clima e comportamento

16. O projeto de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) foi criado em 2003 no governo Lula, como o objetivo de aumentar o acesso e a permanência na educação superior. Através deste foram criados, na EBA, os cursos de História da Arte e de Conservação e Restauro.

coloniais. Esse imaginário encarnado na série de instituições inauguradas para estar a serviço da coroa foi possível através da exploração e genocídios de povos africanos, indígenas e seus descendentes no país. Tal imaginário é perfeitamente encarnado através dos prédios, projetos e imagens da escola.

A modernidade não se faz presente nas terras latino-americanas apenas quando os países começam a se industrializar. Ela se faz presente quando estes são as colônias que sustentaram a industrialização dos outros. Apesar de ser colônia de Portugal, estas terras estiveram endividadas por anos com a Inglaterra. A modernidade tida como irresistível que arrasta e carrega consigo todos que estiverem pela frente, sendo inescapável, assim foi muito antes dos meados da segunda metade do século XX no Brasil, quando o país alcançou a sua industrialização. Por fim, a “insustentabilidade” da EBA entre prédios existentes, que existiram ou ainda por vir, é uma imagem que presentifica os sopros dessa ideia que não evaporou simplesmente e se foi, mas que deixou marcas visíveis.

O conceito de *transfiguração da história* torna acessível a imagem inacessível, o ente, o espectro. O que Benjamin afirma como a configuração de tensões das forças que disputam a construção da história.

Encerro este artigo em um momento peculiar pelo qual passa a cidade. A realidade escravocrata que protagonizou a construção da cidade teve um grande passo na direção de seu reconhecimento há poucos dias com a designação da Unesco elevando o Cais do Valongo a Patrimônio Mundial.

Deixo ainda uma breve indicação de como a ditadura com o incêndio do MAM, a remoção da EBA para o Fundão e a transferência da capital brasileira para a cidade de Brasília e a progressiva retirada das instituições para centro-oeste do país, deixou a cidade em crise econômica, que se agrava hoje, passadas algumas décadas, em cuja última, a cidade esteve sob administração do terrível Partido do Movimento Democrático Brasileiro que radicalizou a corrupção toda a articulação do estado com a sociedade. Após uma edição de Jogos Panamericanos (2007), Copa do Mundo (2014) e Olimpíadas (2016), o estado declarou falência. Seus servidores tem salários atrasados, as universidades e hospitais ameaçam fechar, tornando o estado do Rio símbolo da crise econômica que assola o país, após os anos de crescimento e resistência ao cenário de crise econômica enfrentados no exterior durante o governo federal do Partido dos Trabalhadores com Luís Inácio Lula da Silva.

Por fim, a cidade deve se reinventar. Os lugares devem ser ressignificados. As memórias organizadas, debatidas e divulgadas. Devidamente enfrentadas talvez seja possível seguir e enfrentar outros caminhos. Ainda muito distante é claro.

A EBA pegou fogo, mas não o seu prédio. Como aquela visita inconveniente, foi jogada na chamada reitoria para passar alguns anos e lá tem estado por décadas. O prédio da EBA se mantém intacto, no papel de onde nunca saiu, apesar de ter sido inaugurado. Hoje é possível ver um banner que “imita” a fachada do prédio original, no que seria a sua lateral, que hoje é a Travessa Belas Artes. Dele nada restou além do frontão que está no Jardim Botânico, conforme informam diversos textos sobre a escola. Quando estiver pelo Centro, dê uma caminhada pela região, do *google maps* é mais visível. Do primeiro prédio também resistiram o espaço ocupado por este, é gritante, no contraste com o entorno, o vazio que permanece por todo o quarteirão. Na “entrada principal” do prédio, que dava pra Av. Passos, olhe para o chão. As mesmas pedras continuam por lá.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agamben, G (2014), *O amigo & O que é um dispositivo?*, Chapecó: Argos.
- Benjamin, W (1985), *Magia, técnica, arte e política – obras escolhidas*, São Paulo: Brasiliense.
- Brun, A (2016), *O sentimento da catástrofe: entre o real e o imaginário*, São Paulo: Iluminuras.
- Couri, A, (2015). *EBA aumentada: happening-inauguração do edifício anexo destinado à ampliação da Escola de Belas Artes/UFRJ*. Em: Machado, D. Ferreira, G. Houayek, H. Pucu, I (2015), *A cidade em obras: imaginar, ocupar, redesenhar. 3º Encontro de Pesquisadores dos Programas de Pós-Graduação em Artes do Estado do Rio de Janeiro*, pp. 89 – 98. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA/UFRJ.
- Flusser, V (2011), *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*, São Paulo: Annablume Editora.
- Flusser, V, (2012), *Universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*, São Paulo: Annablume Editora, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Luz, A A (2015), *Uma breve história dos Salões de Arte: da Europa ao Brasil*, Rio de Janeiro: Caligrama.
- MACHADO, D. *Imagens do incêndio do MAM: uma análise do cadáver de um projeto moderno*. Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes/UFRJ, 2017. (trabalho de conclusão de curso. História da Arte/EBA/UFRJ).
- Mondzain, M J (2013), *Imagem, ícone, economia: as fontes bizantinas do imaginário contemporâneo*, Rio de Janeiro: Contraponto.
- Rancière, J (2014), *Em que tempo vivemos? – Refletir sobre a divergência entre as temporalidades global e de cada um é alternativa para pensar um mundo marcado pela ideia do fim*, Serrote, nº 16, pp. 136-148.
- Saliba, E T (2012), *Cultura / As apostas na república*. Em: Schwarcz, L M (Org.) (2012). *A abertura para o mundo (1889 – 1930)*, pp. 382 – 423. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Schwarcz, L M (2012). *As marcas do período / População e sociedade / História é sempre risco*. Em: Schwarcz, L M (Org.). *A abertura para o mundo (1889 – 1930)*, pp. 11 – 17 / 19 – 28 / 444 - 464. Rio de Janeiro: Objetiva.

## REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

- Imagem 1: autoria própria
- Imagem 2 em 24 de julho de 2017: <https://www.google.com.br/maps/place/Centro+Municipal+de+Arte+H%C3%A9lio+Oiticica/@-22.9059352,-43.1854965,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x997f67be7ce10d:0x772da07624c86ca7!8m2!3d-22.9059352!4d-43.1833078>
- Imagem 3 em 24 de julho de 2017: <https://www.google.com.br/maps/place/Museu+de+Arte+Moderna+do+Rio+de+Janeiro/@-22.9134076,-43.1742199,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x9981d9360c2851:0xae30a9ecea6e885c!8m2!3d-22.9134076!4d-43.1720312>
- Imagem 4 em 24 de julho de 2017: <https://www.google.com.br/maps/place/Edif%C3%ADcio+Jorge+Machado+Moreira/@-22.8615931,-43.2260319,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x997925317d2daf:0x5dbda8c0dbfee28d!8m2!3d-22.8615931!4d-43.2238432>

## CURRÍCULO

### **Daniele Machado**

É historiadora da arte (UFRJ) e mestranda em Estudos Contemporâneos das Artes (UFF), onde desenvolve a dissertação “Imagens do incêndio do MAM-RJ: em torno do cadáver de um projeto moderno”. É Editora-chefe da Revista Desvio e Coordenadora de Pesquisa e Públicos do Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica onde coordena os projetos “Linhas de Tempos: 20 anos do Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica” e “Arte em geral: Atelier Gaia”, entre outros.